

A Maternidade de Deus

Swami Abhedananda



Nicholas Roerich, A Mãe do Mundo, 1924

Palestra concedida em Tuxedo Hall, Nova York,
12 de novembro de 1899.

Publicado pela Vedanta Society de Nova York, 1899.

::... Prefácio

Trechos do editorial principal da revista Light, Londres, 8 de julho de 1899.

Esta palestra de Swami Abhedananda sobre a “Maternidade de Deus” é séria, lógica e inspiradora. Não podemos deixar de questionar, então, se a frase “A Paternidade de Deus” está correta.

O Swami diz: “Vivemos, nos movemos e temos nossa existência naquela Mãe Divina”. No presente momento, como regra, não estamos muito longe da antiga noção israelita de Jeová, e aqui temos este brilhante ensinamento indiano, particularmente racional e completo. A religião hebraica nos deu uma figura de Jeová como sendo austera, arbitrária e exigente, como um autocrata do Oriente. O Swami diz: “O mesmo Jeová, quando considerado como o Pai do Universo por Jesus e Seus seguidores, não perdeu a natureza extracósmica. Mesmo hoje, a maioria dos cristãos não vai além desta ideia de um Deus extracósmico. E é aí que nos encontramos hoje. E se esta profunda ideia oriental sobre a Maternidade de Deus, aliada a nossa já frutífera ideia de um Deus imanente em vez de transcendente, pudesse se tornar uma emancipação prática da mente ocidental, libertando-a das imagens antropomórficas que se agrupam em torno deste Deus “extracósmico” e introduzindo-a ao pensamento de Deus que O trará para perto?

Há muito precisamos de um pouco mais dessa “superstição” e sentimento nesta nossa “alegre ilha inglesa”. Sejam hospitaleiros com todos aqueles que trazem do tesouro de “coisas novas e antigas” a “pérola de grande valor”. Sejam especialmente hospitaleiros com os interessantes pensadores que nos lembram cada vez mais do antigo provérbio de que a sabedoria vem do Oriente.

::... Versos Introdutórios

“Eu sou o Pai e a Mãe do Universo.” - Bhagavad Gita, 9.17

“Por que o adorador de Deus encontra tanto deleite em se referir à deidade como Mãe? Porque o filho é mais livre com sua mãe e, conseqüentemente, ela é a mais querida dentre todos para a criança.” - Life and Sayings of Ramakrishna, F. Max Müller, pg. 118.

A Maternidade de Deus¹

A adoração a Deus enquanto a Mãe do Universo, enquanto nossa Mãe Divina, é desconhecida para as pessoas do Ocidente. Desde a introdução do Cristianismo na Europa, a ideia de Deus como o Criador e Pai do Universo tem sido pregada por teólogos e padres cristãos. Jesus, o fundador do Cristianismo, adorava Deus como Seu Pai, e rezava para Ele como o Pai do Universo, conseqüentemente, aqueles que seguem Jesus e Seus ensinamentos adoram a Deus através desta relação, estabelecida por seu Mestre.

A relação entre pai e filho é muito mais elevada do que aquela do criador e sua criatura, ou do mestre e seu servo. Quanto mais avançamos na espiritualidade, mais perto chegamos de Deus, e mais próxima se torna nossa relação com Ele. A adoração de Deus é impossível sem que haja algum tipo de relação entre o adorador e o objeto de adoração.

Na religião hebraica, Deus (Jeová) era concebido como sendo o criador, administrador e governante do universo. Ele era como um

¹ Palestra concedida no Tuxedo Hall, em Nova York, em 12 de novembro de 1899, com o título “Deus, nossa Mãe Eterna”.

poderoso e despótico monarca. Todas as criaturas se relacionavam a Jeová da mesma forma que os súditos a seu governante. Assim como um governante pune seus súditos desobedientes, da mesma maneira Jeová pune aqueles que desobedecem a Ele ou Suas leis. O dever de um indivíduo era quase o mesmo que aquele de um escravo a seu mestre. Assim como um escravo serve seu mestre através do medo pela punição, da mesma maneira os hebreus serviam a Jeová. A transição de tal relação para outra onde muda-se para pai e filho era realmente um grande passo. Não era mais uma relação externa de poder e força, mas tornara-se uma de parentesco, de uma relação interna e sanguínea, assim como a relação que existe entre o pai terreno e seu filho. Há um laço de amor que junta um filho a seu pai e este laço traz a alma individual para perto do Criador do universo. Da mesma maneira que o pai terreno de um indivíduo é comumente considerado como seu criador, por tê-lo gerado e trazido à existência a partir do nada, igualmente quando a mente humana subdesenvolvida começa a pensar na criação do universo, ela imagina que o Criador é que gerou o universo e o produziu a partir do nada. Consequentemente, o Criador se tornou o Pai do Universo.

Todas as nossas concepções sobre Deus começam com o antropomorfismo, ou seja, com dar a Deus atributos humanos em um grau altamente enfatizado, e termina na desantropomorfização, que é torná-Lo livre de todos os atributos humanos. No primeiro estágio de nossa concepção de Deus, Ele aparece para nós como um ser extracósmico, como o Criador do universo que está separado do universo e que reside fora dele, como um carpinteiro que está separado da cadeira ou da mesa que fez, ou como um pai que está separado do filho que gerou. A concepção hebraica de Jeová era primeiramente antropomórfica. Ele era um ser extracósmico, vivia em um paraíso fora do universo e possuía todos os atributos humanos. Ele criou o universo a partir do nada, o decorou e tornou-Se o governante. O mesmo Jeová, quando considerado como o Pai do Universo por Jesus e Seus seguidores,

não perdeu sua natureza extracósmica. Até hoje, a maioria dos cristãos não ultrapassa essa ideia de um Deus extracósmico. Eles adoram o mesmo Jeová extracósmico como o Criador do universo, como o Pai. Jeová é sempre masculino. Ele nunca é descrito como feminino.

De acordo com os hebreus, o elemento masculino da natureza possuía todas as atividades, força e poder; o princípio masculino era reconhecido como o gerador, e o princípio feminino da natureza era considerado inferior, insignificante, impotente e passivo. O princípio feminino da natureza era o produtor e portador daquilo que o princípio masculino criava, conseqüentemente, tudo que representava o princípio feminino era desconsiderado como importante. Isto explica porque a feminilidade era considerada inferior para os escritores do *Velho e Novo Testamentos*, especialmente pelo grande apóstolo dos Gentios [Paulo de Tarso]. Até mesmo a aparição e existência de uma mulher na Terra dependiam da costela de um homem, de acordo com o *Gênesis*. Embora o Criador fosse representado pelos hebreus como masculino e todo poderoso, quando eles explicavam a gênese do mundo, não conseguiam negar a presença do elemento feminino que auxiliava o Criador em dar vida à existência. Lemos em *Gênesis 1.2*: “E o espírito de Deus pairava sobre a face das águas”, o que significa literalmente que o Criador impregnou as águas, ou o elemento feminino da natureza. E, como Deus é o elemento masculino, extracósmico e fora da natureza, que possuía todas as atividades e poderes, Ele Se tornou o objeto de adoração, e o elemento/natureza feminino foi totalmente ignorado.

Todo cristão admite a existência da natureza, o princípio feminino, mas ela nunca foi adorada ou reverenciada. A ideia de Pai se tornou cada vez mais forte, a natureza da mãe foi deixada de lado por ser passiva e impotente, e foi completamente ignorada. Por quanto perdure a concepção de que Deus continua sendo extracósmico, separado da natureza, que é passiva, Ele aparecerá

apenas como o Pai. Quanto mais compreendemos Deus como imanente e residente na natureza, mais claramente entendemos que Deus é nossa Mãe tanto quanto nosso Pai. Quando vemos que a natureza, ou o princípio feminino, é inseparável do Ser, ou do elemento masculino, quando percebemos que a natureza não é passiva e impotente, mas sim uma Energia Divina, então entendemos que Deus é um Grande Tudo, em quem existe tanto o princípio masculino como o feminino. Assim, nunca mais iremos separar natureza e Deus, mas reconheceremos a natureza como uma parte da Energia Divina manifestada.

A tendência da ciência moderna aponta para este fim. A doutrina da evolução, a correlação das forças, a persistência da energia, tudo isso prova claramente que os fenômenos de todo o universo e as várias forças do mundo externo e interno não são mais do que expressões de uma energia eterna. A teoria da evolução explica apenas o modo no qual esta energia eterna produz este universo fenomênico. A ciência já refutou a antiga teoria da criação a partir do nada, pela luz de um Deus extracósmico, e já provou que algo não pode advir do nada. A ciência ensina que o universo existia em um estado potencial de energia e, gradualmente, através do processo de evolução, toda a potencialidade se tornou cinética ou material. Aquela energia eterna não é sem inteligência, mas sim inteligente. Para onde quer que olhemos, seja no mundo externo ou interno, encontramos tal expressão, não em uma combinação fortuita ou acidental da matéria com as forças mecânicas, mas por leis regulares guiadas por propósitos definidos. Este universo não é caos, mas cosmos, um todo em harmonia. Ele não é uma corrente sem rumo de mudanças que chamamos de evolução, mas há um propósito escondido de ordem em cada passo da evolução. Assim, a energia é inteligente. Podemos chamar essa energia autoexistente, inteligente e eternamente cósmica de Mãe do Universo. Ela é a fonte de forças infinitas e fenômenos infinitos. Esta energia eterna é chamada em sânscrito de Prakriti e em latim de Procreatrix, o poder criativo do universo.

*“Tvam Pará Prakriti sákshát Brahmanah paramatmanah,
Tvatto játam jagat sarvam tvam jagat jananî Shive”*

*“Tu és Para Prakriti, ou a energia divina do Ser Supremo. De Ti
nasce tudo no universo, por isso, Tu és a Mãe do Universo”*

Como todas as forças da natureza são as manifestações dessa Energia Divina, Ela é chamada de Toda Poderosa. Sempre que há a expressão de qualquer força ou poder no universo, há a manifestação da eterna Prakriti, ou Mãe Divina. É mais apropriado chamar essa energia de mãe do que de pai, porque assim como uma mãe, essa energia guarda em si mesma o germe do universo fenomênico antes da evolução, desenvolve e o mantém, projeta-o no espaço e o preserva quando ele nasce. Ela é a Mãe da Trindade - Criador, Preservador e Destruidor. Ela é a fonte de toda atividade. Ela é Shakti, a força em ação. Um criador, quando tirado seu poder criativo, não é mais o criador. Como o poder criativo é uma das expressões daquela energia eterna, então o Criador, ou Brahma, é visto pelos hindus como o filho da Mãe Divina universal, da mesma maneira que o são o Preservador e o Destruidor. Os hindus compreendem esta Energia Eterna como a Mãe do Universo e a têm adorado desde tempos pré-históricos, o período védico. Aqui deve-se lembrar que esta Energia Divina não é a mesma que a natureza impotente e passiva, que foi rejeitada e ignorada pelos hebreus e cristãos. Não se deve confundir esta adoração da Mãe Divina com a adoração da natureza. No *Rig Veda*, a mais antiga das escrituras hindus, lemos: “A Mãe Divina diz: ‘Eu sou a Rainha do Universo, aquela que concede toda a riqueza e os frutos do trabalho. Eu sou inteligente e onisciente. Embora seja apenas uma, devido aos meus poderes, apareço como muitas. Eu causo a guerra para proteger os homens. Aniquilo o inimigo e levo paz à Terra. Eu me estendo do céu à Terra. Eu produzi o Pai. Assim como o vento sopra por si mesmo, eu produzo todos os fenômenos de acordo com minha própria vontade. Eu sou independente e não respondo a ninguém. Estou além do céu, além

da Terra. Minha glória é o universo fenomênico. Assim eu sou, por meu próprio poder””. A Mãe Divina é assim descrita: como o tudo em tudo. Nós vivemos e nos movemos e temos nossa existência nesta Mãe Divina. Quem poderia viver por sequer um momento se esta Energia Eterna deixar de se manifestar? Toda nossa atividade física e mental dependem Dela. Ela faz o que escolhe fazer. Ela é independente. Não obedece ninguém. Ela é a causadora de todo acontecimento no universo. Ela faz com que uma pessoa pareça boa, espiritual e divina, enquanto também é Ela que faz outra parecer má e perdida. É através Dela que advém o poder de realizar atos virtuosos ou danosos. Mas Ela está além do bem e do mal, além da virtude e do vício. Suas forças não são nem boas nem ruins, mas aparecem assim para nós quando as olhamos de um ponto de vista diferente e as comparamos.

Quando aquela Energia Divina se manifesta, ela se expressa em dois conjuntos de forças opostas. Um dos conjuntos tem a tendência de ir em direção a Deus e é chamado de Vidya, em sânscrito. O outro tende ao mundo e é chamado de Avidya. Um conduz à liberdade e à felicidade, e o outro ao aprisionamento e ao sofrimento. Um é o conhecimento, o outro a ignorância. Um é luz, o outro escuridão. Cada alma individual é o centro de onde essas forças opostas constantemente trabalham e brigam entre si. Quando Vidya, ou os poderes que conduzem a Deus, predomina, avançamos em direção a Deus e nos tornamos religiosos, espirituais e inegoístas, mas quando o oposto ocorre, o poder de Avidya, prevalece, nos tornamos mundanos, egoístas e perversos. Quando o primeiro é predominante, o segundo é conquistado, e vice-versa. Estes poderes existem em todos os indivíduos, embora variem no grau de sua força. O homem ou a mulher em quem o primeiro, ou seja, os poderes que levam a Deus, prevalece, é chamado de devoto, orante, justo, puro de coração e altruísta. Tais qualidades são expressões dos poderes de Vidya dentro de nós. Estes elevados poderes estão latentes em todos, mesmo naqueles que não demonstram tais qualidades. Todas as pessoas podem

fazer surgir tais poderes latentes ao praticar a devoção, a oração, a justiça, a pureza e o altruísmo. A maneira mais fácil de atingir tais poderes é através da adoração de Vidya Shakti, ou o aspecto da Mãe divina, ou a Energia Divina que representa todos os poderes que conduzem à perfeição espiritual. Através da adoração e da devoção, atinge-se a recordação constante daquele aspecto. Se constantemente pensamos na Fonte de toda a espiritualidade e de todos os poderes elevados que tornam alguém espiritual, certamente aqueles poderes surgirão em nós e também nos tornaremos espirituais, justos e altruístas. Portanto, os hindus adoram esta Vidya Shakti. Quando adoram este aspecto, eles não negam nem ignoram o aspecto oposto, que conduz ao mundanismo, mas sim o tornam subordinado ao aspecto superior, Vidya. Às vezes, eles consideram estas forças opostas separadamente, personificando-as e fazendo delas as atendentes da Mãe Divina. A Mãe Divina tem muitos atendentes. Todas as forças maléficas da natureza são atendentes Dela. Ela permanece no centro do universo, radiante em Sua própria glória, como o sol quando está rodeado por nuvens escuras por todos os lados.

Onde quer que haja qualquer expressão de extraordinária retidão e espiritualidade, há uma expressão especial da Mãe Divina. Ali está uma encarnação Dela. A Mãe Divina de vez em quando encarna na forma de homem e às vezes na de mulher, para estabelecer a ordem e a retidão. Todos os homens e todas as mulheres são Seus filhos. Porém, há algo a mais na mulher. Uma vez que a mulher representa a maternidade na Terra, todas as mulheres, sejam casadas ou não, são representantes da Mãe Divina Toda Poderosa do Universo. É por este motivo que as mulheres são altamente reverenciadas e honradas pelos hindus. Não há outro país do mundo, exceto a Índia, onde Deus, o Ser Supremo, é adorado desde tempos imemoriais como a Mãe Divina. A Índia é o único país onde a mãe terrena é considerada como uma deidade viva, e onde o homem aprende desde a infância: “Uma mãe é maior que mil pais”. Vocês já ouviram muitas histórias sobre a condição das

mulheres na Índia. Várias delas são muito exageradas, outras são totalmente falsas e algumas outras são parcialmente verdadeiras. A conhecida história americana sobre mães hindus que jogam seus bebês no Ganges para virarem comida para os crocodilos é desconhecida dentre os hindus. Em primeiro lugar, os crocodilos não podem viver em uma corrente de água tão forte como aquela do Ganges. Eu viajei por toda a extensão deste poderoso rio, por cerca de 24 quilômetros, e jamais vi algo assim. Estas afirmações foram ouvidas por mim pela primeira vez após chegar aos Estados Unidos, embora histórias e figuras que atestam isso sejam um tanto comuns neste país nos livros infantis. Não há tempo para entrar em discussões sobre este assunto hoje, mas posso assegurá-los que não encontrarão outro país “Onde toda mãe”, como Sir Monier William diz, “é venerada como uma espécie de deidade pelos filhos, onde cada vilarejo ou cidade tem sua própria mãe-guardiã chamada, em sânscrito, de Mata”. É extremamente difícil para a mente ocidental compreender exatamente o que os hindus querem dizer quando falam que toda mulher é uma representante da Mãe Divina. Uma simples ilustração dará uma ideia do respeito que os hindus têm pelas mulheres.

Em sânscrito, quando dois nomes são usados juntos, a regra gramatical é de que aquele nome mais honrável seja colocado antes. Em sânscrito falamos mulheres e homens, não homens e mulheres; em vez de pai e mãe, dizemos mãe e pai; em vez de marido e esposa, esposa e marido, porque uma mulher sempre é mais honrada que um homem. Na Índia, as esposas não aderem ao nome de seus maridos, elas não fundem sua individualidade na de seus maridos como as mulheres fazem no Ocidente e deixam seus nomes separados. Se o nome da esposa é Radha e do marido é Krishna, quando falamos os nomes juntos, dizemos Radha-Krishna e não Krishna-Radha. O nome da esposa deve ser dito antes. Por isso, dizemos Sita-Rama, Sita é a esposa e Rama o marido. Então, quando Deus encarna na forma de homem, como Krishna ou Rama, a esposa daquela encarnação será adorada

como a encarnação da Mãe. A esposa será adorada primeiro e depois o marido. A mente ocidental não compreende com facilidade esta maravilhosa reverência à maternidade que os hindus têm.

A Mãe Divina é o Deus pessoal, o mesmo que Ishvara em sânscrito; e Brahman, a Substância Absoluta ou Espírito Universal, é o Ser impessoal. Brahman é sem forma, sem nome e sem atributos. Ele é o oceano da inteligência, existência e plenitude absolutas. Ele não possui atividades. Ele é o Deus de Fichte, a Substantia de Spinoza. Ele transcende todos os fenômenos. Antes da manifestação fenomênica, a Energia Divina estava no seio do oceano do Ser Absoluto em estado potencial, isto é, o estado inativo da atividade, algo como o sono profundo, quando toda atividade fica latente. Assim como no sono profundo todos os poderes físicos e mentais existem em nós sob condição manifesta e nada se perde, da mesma forma, antes do início da evolução cósmica, todas as forças fenomênicas do universo permaneciam latentes naquela Energia. Não havia fenômenos, nem manifestação de qualquer poder. Assim como em nosso estado de vigília, todos os poderes latentes se manifestam e podemos caminhar, nos mexer, falar e sermos tremendamente ativos, da mesma forma, quando uma porção daquele Ser Impessoal desperta e se manifesta, os poderes cósmicos latentes a partir daquela Energia adormecida, a evolução da Energia cósmica inicia e o Ser Impessoal aparece como o Criador do universo e o Conservador.

Por isto, o Ser Impessoal é chamado de pessoal, devido àquela energia manifestada. De acordo com os hindus, o Brahman impessoal não é masculino ou feminino, mas o Deus pessoal é tanto masculino quanto feminino. Energia e Ser são inseparáveis do Deus pessoal. Assim como Ser puro, sem energia, não pode produzir fenômenos, e como a Energia possui toda atividade e é a mãe de todas as forças e fenômenos, o Deus pessoal é mais apropriadamente chamado de Mãe do Universo. Assim como o

fogo e seu poder de queimar ou aquecer são inseparáveis, o Ser e a energia também são inseparáveis e unos. Aqueles que adoram o aspecto masculino de Deus, na verdade adoram o filho nascido da Mãe Divina, porque a atividade, força e poder que fazem o masculino têm sua origem naquela Energia Divina. Mas aqueles que adoram a Mãe Divina adoram o Todo - todos os deuses, todos os anjos e todos os espíritos que existem no universo.

O maravilhoso efeito desta concepção da Maternidade de Deus pode ser encontrado na vida diária de quase toda mulher hindu e também na dos homens. Uma mulher hindu pensa que faz parte da Mãe Divina, não que é uma com Ela. Ela vê todos os homens e mulheres do mundo como seus próprios filhos. Ela considera a si mesma como a abençoada Mãe do Mundo. Como poderia tal mulher ser rude com qualquer pessoa? Seu amor maternal puro chega a todos os homens e mulheres igualmente. Não há espaço para pensamentos ou sentimentos impuros, ou paixões em tal coração. Aquele sentimento maternal perfeito a faz viver como a Mãe Divina na Terra, finalmente. Seu Deus ideal em forma humana são seus próprios filhos. Ela adora a encarnação de Deus como seu filho mais querido. Assim como Maria era a mãe de Jesus, as mulheres hindus também veem a si mesmas como a mãe de Krishna, o Cristo hindu, ou de Rama, outra encarnação. As mães cristãs talvez consigam apreciar isso até certo ponto. Se uma mãe cristã se considera a mãe de Cristo e O ama assim como ama seus próprios filhos, o efeito será maravilhoso. Ela então compreenderá o que a Maternidade Divina é. Os hindus pensam que esta é a maneira mais fácil para as mulheres atingirem aquele amor que torna uma pessoa altruísta e divina. Uma mãe pode sacrificar tudo por seu filho, ela naturalmente ama a criança sem esperar qualquer coisa, embora existam mães que não possuem amor maternal puro e altruísta. Uma mãe verdadeira, no entanto, ama seu filho acima de tudo. Se a criança for a encarnação de Deus, como seria fácil para uma mãe atingir o objetivo mais alto da religião. Conheço uma mulher na Índia que ficou viúva quando era muito jovem. Ela não

casou de novo. Ela não é uma mulher comum que pensa que ter marido é essencial para a felicidade e que o casamento é o ideal mais elevado da vida. Ela vive a vida pura de uma monja e adora Krishna como seu próprio filho. Ela se tornou tão avançada na espiritualidade que agora centenas de homens e mulheres letrados do alto escalão de Calcutá vão para vê-la e receber instrução espiritual. Eles beijam a poeira de seus pés, assim como os católicos romanos beijam os pés da estátua de Maria, fazem reverências e a chamam de Mãe de Deus, Mãe de Krishna, o Pastor. Ela ainda reside perto de Calcutá. Ela sente a presença da Mãe Divina do Universo em si mesma.

Outro resultado maravilhoso sobre esta concepção de Deus enquanto Mãe do Universo é a de quando um homem adora Deus como sua mãe, ele sempre se considera como o filho nos braços dela. Assim como uma criança não teme nada quando está perto de sua mãe, da mesma forma o adorador da Mãe Divina nunca teme nada. Ele vê a Mãe Abençoada em todo lugar. Em cada mulher ele vê a manifestação de sua Mãe Eterna. Consequentemente, cada mulher na Terra é sua mãe. Ele conquista toda a luxúria e os desejos sensórios. Ele vê a mulher sob uma luz diferente. Ele adora toda mulher mentalmente. Eu vi um homem que viveu nesta Terra como um filho vivo da Mãe Divina, sempre protegido e cuidado por Ela. Ele adorava Deus como Mãe do Universo. Através dessa adoração, ele se tornou puro, retido e espiritual. Ele costumava dizer: “Ó, minha Mãe, Tu és tudo em tudo. Tu és meu Guia, meu Líder e Força”. Sua Mãe Divina mostrou a ele a natureza verdadeira do homem e da mulher. Ele se curvava diante de todas as mulheres, jovens, maduras e idosas, e dizia a elas: “Vocês são as representantes vivas da Mãe Divina na Terra”. Como poderia um filho ter qualquer outro tipo de relação com alguém que é o mesmo que sua mãe verdadeira? Por meio dessa devoção, ele venceu toda a luxúria e a mundanidade. Sua consagração à Mãe Divina, como a de uma criança, de toda a alma e em êxtase, é um marco na história religiosa da Índia. Sua

vida inteira, que foi a personificação da pureza, do autocontrole, da auto resignação e amor filial à Mãe Divina, continua como um testemunho poderoso à realidade e eficácia da adoração de Deus como a Mãe do Universo. Quando cantava louvores à Mãe Divina, ele dava sua vida em cada palavra cantada e nenhuma alma conseguia ouvi-lo sem chegar às lágrimas, dados os intensos sentimentos devocionais, sem perceber que aquele filho extraordinário estava em comunhão direta com sua Mãe Divina. Sua Mãe Divina mostrava que cada mulher era uma encarnação Dela mesma, e por isso ele adorava e honrava todas as mulheres como um filho que adora sua própria mãe. Alguns ocidentais podem não conhecer tal reverência, mas um hindu é um conhecedor. Ele sabe como honrar uma mulher.

O professor Max Muller ficou muito impressionado com a vida maravilhosa deste sábio e publicou recentemente sobre a vida e ensinamentos dele². Uma vez perguntaram a este sábio: “Se somos os filhos de sua Mãe Divina, por que Ela não cuida de nós? Por que Ela não vem até nós e nos toma em Seus braços?”. O sábio respondeu: “Uma mãe tem vários filhos. Para um, ela dá um boneco, para o outro um doce, para um terceiro, ela dá uma caixa de música, de acordo com o gosto de cada um. Assim, quando eles começam a brincar e se absorvem naquela atividade, eles esquecem da mãe; ela, no meio-tempo, cuida da casa. Mas a qualquer momento que algum deles se cansa de brincar, e jogando os brinquedos de lado, chama por sua mãe: ‘Mamãe, mamãe amada!’, ela corre rápido até ele, pega-o no colo, dá um beijo e o acaricia. Do mesmo modo, ó homem, ficar absorto em seus jogos com os brinquedos do mundo o fez esquecer de sua Mãe Divina. Quando você se cansar da brincadeira e jogar de lado os brinquedos, você A chamará sinceramente e com a simplicidade de uma criança. Ela virá imediatamente e o tomará em Seus braços.

² Veja *Vida e Ensinamentos de Ramakrishna*, de F. Max Müller, publicado por Charles Scribner's Sons, Nova York.

Por enquanto, você quer continuar brincando e Ela te deu tudo que você precisa no momento”.

Cada um de nós verá a Mãe Divina mais cedo ou mais tarde. A Mãe está sempre tomando conta de nós e nos protegendo, quer sintamos isso ou não, quer percebamos isso ou não. “Ó, Mãe Divina! Tu és a Energia eterna, a fonte infinita do universo. Teus poderes se manifestam na infinita variedade de nomes e formas. Sendo iludido pelo poder da ignorância, nos esquecemos de Ti e obtemos deleite com os brinquedos do mundo. Mas quando vamos a Ti, tomamos refúgio em Ti e adoramos a Ti, Tu nos torna livres da ignorância e do mundo, e nos concede a felicidade eterna ao nos manter, Teus próprios filhos, em Teu seio”.